

AS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS DO BAIRRO VILA ATLÂNTIDA DE MONTES CLAROS-MG E O ENFRENTAMENTO DA POBREZA

Roggier Vannier Samira Dias Batista¹ Adriana Medalha Perez²

Resumo: Este trabalho traz o resultado da pesquisa sobre os aspectos que perpassam a monoparentalidade feminina e o enfrentamento da pobreza. Entende-se por famílias monoparentais aquelas que possuem um único progenitor, neste caso a mulher, com filhos que não são ainda adultos. O objetivo deste estudo é expor uma discussão no que concerne às percepções levantadas através dos depoimentos concedidos, durante a pesquisa empírica, pelas mulheres que são chefes de famílias monoparentais sobre a chefia familiar, as dificuldades enfrentadas e as relações familiares. Definiu-se como amostra da pesquisa seis mulheres chefes de famílias monoparentais em situação de pobreza do bairro Vila Atlântida de Montes Claros por situar-se em uma área de alta vulnerabilidade social. A família é considerada em situação pobreza, quando a renda per capita é inferior a R\$ 156,00, critério definido pelo o Cadastro Único (CadÚnico) do Governo Federal para programas sociais. Dessa forma, realizou-se uma pesquisa de campo, a partir da utilização de coleta dos dados, através de entrevistas semi-estruturadas, com vistas à apreensão da realidade vivenciada por essas famílias. Para análise dos dados levantados, adotou-se o método qualitativo e dialético. Os depoimentos das mulheres chefes de famílias monoparentais evidenciou que o enfrentamento das adversidades nesses lares se dão “as duras penas”, devido à dificuldade de conciliar o que não é conciliável – família, trabalho, pobreza e sobrevivência.

Palavras-chave: Família. Família monoparental feminina. Pobreza.

Introdução

Estudos recentes apontam que as transformações contemporâneas relacionadas à ordem econômica, à organização do trabalho e ao fortalecimento da lógica individualista acarretaram mudanças radicais na organização das famílias, dentre as quais se observam, por um lado, processos de empobrecimento acelerado e perda gradativa da eficiência do setor público na prestação de serviços. Por outro, houve um enxugamento do grupo familiar e, principalmente, um aumento das variedades de arranjos familiares, tais como famílias recompostas, extensas e monoparentais, deixando a família nuclear de ser a formação única e existente na nossa sociedade. Essas transformações desencadearam um processo de fragilização dos vínculos familiares, o que tornou as famílias mais vulneráveis. Desta forma, para Mioto (2000), a vulnerabilidade à pobreza está relacionada com

1 Pós-graduada em Técnicas vivenciais para o trabalho psicossocial junto a famílias e grupos. E-mail: sam.d.batista@hotmail.com

2 Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Curso de Serviço Social. E-mail: adrianamedalha@hotmail.com

as tipologias e arranjos familiares e com o ciclo de vida das famílias, bem como com fatores da conjuntura econômica e das qualificações específicas dos indivíduos. Segundo a autora, a maior vulnerabilidade é notada nas famílias com a presença de apenas um adulto de referência. As famílias monoparentais com chefia feminina demonstram maior fragilidade devido a inserções precárias no mercado, dupla jornada de trabalho e a criação dos filhos, o que as tornam vulneráveis à condição de pobreza. É nessa perspectiva que a referida autora afirma que cada vez mais se nota a exigência de as famílias desenvolverem estratégias complexas de relações para sobrevivência. Desta forma, centrar-se no estudo da monoparentalidade, é, pois, o objetivo e finalidade deste estudo, principalmente, na busca do aprofundamento e ampliação dos conhecimentos a respeito da chefia feminina em famílias monoparentais.

Material e Métodos

A metodologia utilizada a fim de compreender o fenômeno pesquisado foi de caráter qualitativo, concomitante com o método de análise hermenêutico-dialético. Para Minayo (2006, p.227), esse método permite “entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social e processo de conhecimento, ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico”. A coleta de dados se deu por meio da entrevista semi-estruturada a seis mulheres chefes de famílias monoparentais femininas do Bairro Vila Atlântida da cidade de Montes Claros – MG.

Resultados e Discussão

Por se tratar de famílias sem a figura de um adulto do sexo masculino de referência, não houve dificuldade para as entrevistadas se reconhecerem como chefe de família, como demonstra a fala da entrevistada (E:1): *Ah, é eu né, eu que sou mãe né, eu que tenho que resolver tudo*. Para essas mulheres a chefia familiar está relacionada com responsabilidade, muitas vezes acompanhada com o sentimento de medo e de incerteza, esses sentimentos estão ligados a uma subjugação social que atribui a própria mulher a dificuldade de se autogerir e gerir a sua família, como se percebe na fala da entrevistada (E:1) *Ai é muita responsabilidade, uma responsabilidade que nossa Senhora! Que tem hora que eu falo assim: o meu Deus do céu será se eu vou dá conta? Porque assim, é muita coisa [...]*. Para além das dificuldades econômicas e educacionais dos filhos, a entrevistada (E: 5) denotou em sua fala a questão da escolaridade, o que a impediu de ter um emprego, que lhe desse reais condições para satisfazer sozinha as necessidades de sua família: *[...] igual no meu caso que eu mesmo que não estudei né, não formei, pra arrumar um serviço, pra poder sustentar uma casa é difícil, a dificuldade que eu achei foi essa*. A noção de monoparentalidade tem ficado associada não só a sexo, mas também à pobreza. Essa associação é perceptível nesta pesquisa, já que o rendimento médio das famílias entrevistadas é de até meio salário mínimo. Assim, a fragilidade das relações econômicas e

sociais se entrecruzam. Fatores diretamente relacionados às desigualdades socioeconômicas, o desemprego, a precarização do trabalho, a ausência de política sociais que assegurem esse tipo de arranjo familiar, levam a degradação da qualidade de vida das mesmas. Para as famílias pesquisadas a ausência de renda as impedem de viverem em condições melhores, isto é, o fator financeiro é um agravo familiar, que impedem de suprir as necessidades básicas, que lhes proporcionem um bem-estar mínimo. Percebe-se, dessa forma, que a situação financeira é uma aliada da família monoparental feminina, como elucida o seguinte relato da entrevistada (E:5) *Se eu tivesse, acho que uma renda a mais pra mim tinha sido melhor [...] quando uma pessoa tem assim uma renda a mais coisa assim é mais fácil pro cê sobreviver, e ter uma educação melhor.*

Conclusões

Percebeu-se que as mulheres entrevistadas, sob diversos aspectos, possuem trajetórias de vidas parecidas, percursos marcados pela miséria, pela falta de informação e carência de recursos financeiros e culturais. São histórias assinaladas por diversos percalços, mas também de muita luta, perseverança, força e esperança. A experiência de ter que ir à luta e de contar quase que exclusivamente com seus próprios recursos trouxe, para estas mulheres chefes de família, a ampliação de suas capacidades e um sentimento de maior valorização pessoal a cada tarefa cumprida na busca pela sobrevivência e manutenção familiar. Assim, aos poucos, as mulheres chefes de família entrevistadas deixam de se ver apenas como vítimas das circunstâncias, assumindo cada vez mais o papel de protagonistas das suas próprias vidas. A questão que prevalece para elas é a subsistência e isso não significa necessariamente ter uma boa qualidade de vida e, até mesmo, de garanti-la no futuro para os seus filhos, trata-se apenas de uma questão de sobrevivência. As possibilidades de escolha para essas mulheres são pequenas, porque também são estreitas as ofertas. Destarte, as famílias monoparentais entrevistadas, mesmo que vulneráveis economicamente, são capazes de ofertar cuidado e proteção aos seus membros, uma vez que buscam no ambiente familiar, através do convívio e relacionamento com os filhos, a preservação da afetividade e a harmonia da família, de forma que encontram nos filhos a motivação da existência e de perseverança para prosseguir a vida.

Referências

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 10.ed. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 2006.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis. In: **Capacitação em Serviço Social e política social. Módulo 4: O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais.** Brasília: UNB, Centro de Educação Aberta Continuada a Distância, 2000.